

## MEMÓRIA CAMPINEIRA (51)

### A CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE CAMPINAS (1880)

Ricardo Gumbleton DAUNTRE

Não se passaram muitos anos depois da erecção do bairro do Mato Grosso de Campinas em paróquia, desmembrando o seu território do de Jundiá, apesar da oposição violenta do pároco desta (que chegou a informar oficialmente que a população da projetada paróquia existia em tal estado de pobreza que lhe seria impossível sustentar um pároco), que a opinião pública reconheceu a necessidade de haver mais um templo além da igreja matriz; e nos primeiros dias deste século um homem que concentrava em si grande cópia do antigo civismo e espírito empreendedor paulista, Pedro Gonçalves Meira, tratou de edificar uma capela ao lado do lugar atualmente ocupado pela igreja de que tratamos, no terreno em que depois se construiu o sobrado, propriedade do sr. Joaquim Teixeira Nogueira de Almeida, e que depois foi por alguns anos ocupado como cemitério.

Nesse tempo, porém, o terreno no local escolhido era ainda por demais úmido para suportar uma construção de taipa, circunstância que alegou o então vigário colado padre Joaquim Gomes como motivo para dissuadir os seus paroquianos da edificação. Infelizmente Pedro Gonçalves Meira não quis estar pelo prudente alvedrio do vigário, e a divergência degenerou em grossa briga, cujo resultado foi o Meira retirar-se para Itú, ficando a nascente vila privada do valioso concurso que a seu engrandecimento prometera um homem de caráter e fortuna como este.

Decorreram alguns anos quando, as condições do terreno achando-se outras, o rev. padre Antônio Joaquim Teixeira de Camargo, irmão dos srs. Domingos e Luciano Teixeira Nogueira, ainda vivos, se tornou herdeiro da idéia; e reunindo à si o seu parente, o senhor de engenho Joaquim José dos Santos Camargo, sempre pronto para o que fosse do serviço de Deus, deram começo à obra em lugar que a configuração do largo (hoje do Rosário) indicava como próprio; e aos poucos, e maxime ajudados por esmolas de cativos, conseguiram elevar o templo e pô-lo em

estado que permitia a celebração do Santíssimo Sacrifício Eucarístico, tendo-se primeiramente prontificado para este fim uma capela lateral, que é colocada sob a invocação do Senhor do Bom Jesus da Pedra Fria.

A falta de recursos, naquela época, em Campinas, era grande; as esmolas se limitavam no geral a patacas e cruzados; porém a vontade era boa, e assim as obras puderam caminhar. Infelizmente uma morte prematura veio roubar o padre Antônio Teixeira a sua família e a Campinas; e ainda moço o seu corpo descansou no Carmo de Itu, em cuja cidade tinha parentes, e para onde fora em busca de recursos médicos, ali de ordem superior.

Não tardou em aparecer quem eficazmente continuasse a boa obra já assaz adiantada. Foi o rev. padre Manoel José Fernandes Pinto que disto se encarregou e, quando ao cabo de poucos anos veio a falecer, deixou muita cousa feita.

Houve depois um longo período em que a tarefa de completar o que ainda faltava parecia abandonada. A irmandade que havia sido criada para zelar da igreja caíra em tal relaxamento que fora suspensa, sendo nomeado um zelador; e nestas condições foi que dois respeitáveis clérigos, filhos de Campinas, o finado padre Januário Máximo de Castro Carneiro e Prado e padre Francisco de Abreu Sampaio (atual vigário da paróquia do Carmo e Santa Cruz), se dedicaram aos interesses desta igreja. Conseguiram a restauração da irmandade que por alguns anos, de 1857 em diante, funcionou com brilho; e encontrando o padre Sampaio, nomeado capelão da igreja, mais ou menos por este tempo, em sucessão (salvo erro) ao padre Januário, um auxiliar de raro préstimo e dedicação na pessoa do sr. José Pinto Nunes, os melhoramentos necessários receberam poderoso impulso.

O corpo foi forrado à moda abaulada, ou em meia laranja, como se diz. O assoalho e o coro foram renovados. Janelas receberam os competentes caixilhos envidraçados; e construíram-se dois altares aos cantos do Arco Cruzeiro. A igreja estava sem frontispício e torres. Esta falta empreendeu suprir um campineiro de nobre família e elevada posição social, o sr. Joaquim do Amaral Camargo, que entre seus amigos e parentes encontrou o auxílio de alguns contos de réis com que principiou a obra, e já a tinha consideravelmente adiantada quando por motivos de enfermidade retirou-se; sendo dali a pouco seu lugar suprido por outro campineiro importante e abastado, morador também no largo, o sr. capitão Camilo Xavier da Silveira Bueno, que, suprimo o "déficit" das subscrições populares dos bastos recursos de sua ampla fortuna, fez caminhar a obra até dotar a igreja com elegante frontispício e duas torres, e certamente ainda muito maiores benefícios teria feito se em idade que ainda permitia a esperança de sua conservação por longos anos a bem de Campinas, de sua família e de seus amigos, a morte não o houvera roubado.

Quando se realizou a salutaríssima medida da divisão em duas da por demais populosa e extensa paróquia de Campinas, ficou a igreja do Rosário compreendida no território reservado à Nossa Senhora da Conceição, e passou a servir de matriz provisória enquanto se espera a terminação da nova matriz.

(...) A igreja tem capela-mór, nave, dois corredores laterais, terminando um no altar do Senhor Bom Jesus e outro na sacristia. Esta igreja tem no fundo e ao lado direito um pequeno terreno que a separa das propriedades imediatas. Existem os paramentos necessários e algumas imagens boas, e também alguns quadros atribuídos ao pintor paulista Manso. O forro da sacristia foi pintado por um habil artista nacional, cuja viúva morreu há pouco em extrema pobreza, porém sem cousa alguma lhe faltar por haver sido há anos recolhida à casa de um fazendeiro.

A igreja do Rosário ainda necessita de muitos melhoramentos que alguns devotos têm em mente realizar quando de lá se transportar a pia paróquial para a nova matriz.

Convém descrever os assuntos desenhados no teto da sacristia, cuja escolha e execução atestam o grau de civilização pertencente a São Paulo **jure** próprio antes da invasão estrangeira. O teto é dividido em dois compartimentos. O primeiro, à entrada, representa o Santíssimo Sacramento, estando uma custódia ao meio e dois anjos ao lado em adoração. Em baixo um altar e em frente ao altar quatro jovens clérigos de joelhos. No segundo, se vê Santa Clara, São Francisco de Assis, São Domingos, Nossa Senhora do Rosário e a imagem de Cristo ressuscitado.

A frente da igreja tem um bonito átrio formado de lajes de Itu, com degraus em volta da mesma pedra, que foi feito a expensas do já mencionado sr. Camilo Bueno.

**(Almanach Litterario de São Paulo para o anno de 1881, publicado por José Maria Lisboa, 6º ano, pp. 137-141. São Paulo, Typ. da "Provincia", 1880).**